



Crónicas do Estultício

Índice

Parte I
A Mensagem Secreta

Parte II
O Burro do Presépio (ou vice-versa)

Parte III
O Despedimento da D. Florípedes

Parte IV
Um livro?! Livra!

Parte V
Grande Porcaria!

Parte VI
A Opção Misteriosa

Parte VII
O Macro-problema

Parte VIII
Não me Liga!

Parte IX
Como disse??

Parte X
O grito de guerra

Parte XI
O Grande Pato

Parte XII
A Língua da Sogra

Parte XIII
A Planta da Casa



Crónicas do Estultício

Introdução:

No Número 9 da «Internet Prática» (Janeiro de 2000), deu-se início à publicação das «Crónicas do Eng. Estultício», para as quais foi feito, pelo *cartoonista* José Abrantes, um "boneco" próprio.

Quanto ao texto, foram elaboradas duas versões, uma mais resumida do que a outra. Por motivos de espaço, foi publicada, em papel, a mais reduzida. Dado que aqui não há problemas de espaço, disponibiliza-se a versão mais longa.

A partir de agora, as «Crónicas do Eng. Estultício» serão postas on-line na primeira semana do mês seguinte à sua publicação em papel.

1

A Mensagem Secreta

No número anterior da Revista contámos como foi o desagradável encontro do autor destas crónicas com um tal Eng. Estultício, Dono e Senhor da Tekno-Teknica, partidário do uso das "novas tecnologias" desde que usadas com MUITA parcimónia. «Progresso, só o estritamente necessário», é o seu lema.

Pois é... Eu acho que vou ter de me habituar.

Mas vai ser muito difícil! É que, agora, sempre que sai uma qualquer notícia acerca do Eng. Estultício (ou da sua Tekno-Teknica) há grandes probabilidades de que ele a leia e, mais cedo ou mais tarde, me venha pedir satisfações pelo seu teor se o mesmo não lhe agrada.

Ou, então, vou ter de mudar de tema, pois já não aguento por muito mais tempo esta tensão psicológica que, ainda por cima em dias certos do mês, se apodera de mim!

E eu até já sei como a coisa se passa. É assim:

Um dia depois de a Revista sair, ele lá está, invariavelmente, sentado à mesa do café com o Sr. Batatinha (o seu incontornável vendedor). E, como sabe que eu tenho mesmo de passar ali a caminho do Metro, comporta-se como um caçador à espera da presa que tem como certa.

- Venha cá, seu maroto! Venha cá! - chamou-me ele, da última vez, com o seu riso sardónico com que tanto embirro - Vamos ter muito que conversar!

E lá fui eu para ao pé deles, fazendo um forçado sorriso e adiantando, com voz pouco convincente, que *já estava atrasado*, mas dispondo-me a ouvir, *se não demorar muito*, o que ele tinha para me dizer...

Pois na última crónica eu referia-me, em termos chocarreiros, ao facto de ele ter uma colecção infundável de CDs (ofertas de revistas) que lhe permitiam aceder gratuitamente à Internet.

E gozava, já se vê, com a sua sovinice e com o caricato de ele ter de mudar de endereço de correio electrónico ao sabor dos fornecedores do brinde.

Mas o texto tanto se arrastou por aqui e por ali que acabou por perder completamente a actualidade:

Entretanto, a Internet gratuita tornou-se uma realidade e ele, evitando a ligação *a pagar*, é que tinha tido razão! Ah! E decerto o homem não ia deixar passar em branco essa fífia minha! De facto, foi com mal disfarçado gozo que ele puxou uma cadeira e, dando-lhe uma sonora palmada no estofo, intimou:

- Deixe-se lá de pressas, que hoje vai ter de me ouvir!

Mas, para meu grande espanto, não era o assunto da gratuidade do acesso à Internet que o levava a chamar-me. Era outra coisa, muito mais rebuscada:

- Vai ver que até o amigo Batatinha me vai dar razão acerca dos perigos do progresso exagerado!

Bem, o assunto pede uma pequena introdução:

A enorme expansão da Internet a nível mundial trouxe consigo o disparar do fenómeno do correio electrónico, facto que obriga a que os seus utilizadores imponham, a si próprios, alguma disciplina.

E já não falo das regras mais elementares de boa-educação (como evitar o uso exagerado das maiúsculas, a obrigação de responder às pessoas que nos escrevem, etc.).

Falo da necessidade de alguma contenção pois, além das inevitáveis anedotas, avisos de falsos vírus e cadeias-da-felicidade que enchem as redes de comunicação e fazem perder um tempo que pode ser precioso, *a coisa* pode tornar-se uma autêntica praga!

Mas, é claro, tudo neste mundo tem *prós e contras* e a pouco e pouco lá se vão arranjando os remédios ou, pelo menos, os paliativos.

Para o caso de que aqui falamos, os remédios são, essencialmente, dois:

A autodisciplina (sobriedade e contenção da verborreia) e a filtragem.

Acho que sabem, até bem demais, a que me refiro, pois hoje em dia qualquer programa de correio electrónico que se preze aceita meia-dúzia de regras do tipo:

«Se vier do Xico: **passa à Xica**»

«Se for do Venantílio: **cópia para o Oliveira**»

«Se for do Chefe: **estou em reunião**»

Então para ao *junk-mail* os filtros são uma bênção:

«Tudo o que diga: **damos-mais, quer-ganhar-mais?, oferecemos-lhe, fortuna, balúrdio-de-massa, vá-de-férias-para-o-Hawai**, etc... **APAGAR DE IMEDIATO**».

- Claro que tive de mandar programar os computadores da Tekno-Teknica com essas regras - explicava o Eng. Estultício - senão a coisa era um pandemónio, um desassossego. «Progresso, só o estritamente necessário!». Não é assim, ó Batatinha?

O outro mantinha-se muito recolhido, como se estivesse com frio.

- Acorde! Você está para aí calado, parece um sapo! Estamos a falar de coisas que o interessam, homem! *Internetes, e-mails...* essas modernices todas! Quanto *ao resto...* já esqueci, não se preocupe!

Mas, até aí, tudo bem. À parte o *misterioso fim da frase anterior* todas as explicações só demonstravam a sabedoria do Grande Chefe. E dava gosto ver como ele, até há pouco tão contido em matéria de progresso digital, estava a actualizar-se!

Perguntava-me, pois, e a mim mesmo, o que é que ele, então, queria dizer-me ou contar-me. Sim, porque ele tinha, nitidamente, *alguma na manga...*

Mas o certo é que o homem não tinha pressa nenhuma!

Mandou vir outra cerveja, recostou-se, e lá prosseguiu, pausadamente, mas deixando antever uma gargalhada que havia de vir no fim que ele habilmente preparava:

- Ora acontece que, embora os meus funcionários tenham de ser poupados a esses anúncios, eu cá gosto sempre de estar informado. Por isso, antes de essas mensagens irem para o lixo, passam todas por mim. Eles, coitados, é que não sabem...

O Sr. Batatinha começou a coçar-se... E o outro continuou:

- Pois aqui o pirata do nosso amigo andou, sem eu saber, a negociar a sua mudança para a concorrência! - E olhou para o colaborador que, não sabendo já onde se meter, procurava disfarçar, tentando apertar pela quinta vez os atacadores dos sapatos que, afinal, eram de pala.

- Agora imagine o que aconteceu quando, ao fim de muitas negociações nas minhas costas, esses piratas lhe enviaram um *e-mail*.

E, levantando-se ligeiramente, meteu a mão no bolso direito das calças e tirou dele um papel muito amarfanhado, enquanto comentava: «Eu cá mando sempre imprimir os *e-mails...*»

Desdobrou o papel com um largo sorriso, espalmou-o em cima da mesa e, pondo os óculos de

ver ao perto, leu, deliciado, o que lá constava:

«Seja, Sr. Batatinha! Aceitamos pagar-lhe **a fortuna** que você quer! Já lhe enviámos 5 *mails* e você não responde! **Quer ganhar mais**, é?! Pronto! **Oferecemos-lhe** 100%! E, quanto a esse idiota - como você chama ao seu Chefe - ele que **vá de férias para o Hawaii!**»

2

O Burro do Presépio (ou vice-versa)

A coisa não podia continuar!

De cada vez que eu escrevia uma crónica acerca do Estultício, o filho (que comprava sempre a Revista) ia logo a correr: «Pai! Vem aqui outra vez a gozar contigo!».

E lá tinha eu o sarilho habitual: o homem sentava-se no café à espera que eu passasse e... «Venha cá, seu pirata, que temos muito que conversar!»

Mas *para grandes males grandes remédios*: fui à procura do rapaz, cortei-lhe o passo e perguntei-lhe, sem rodeios, o que é que queria para me deixar em paz.

«Uma assinatura da Revista, por 10 anos. Em troca, se o meu pai ma pedir, eu rasgo a página onde você fala dele»

«Seja!»

Ficámos todos a ganhar, e esta crónica já pôde ir para a editora sem que eu corra o risco de ser importunado.

Pois foi por já se julgar a salvo de troças que o Estultício, um dia destes, me confidenciou:

- Reconheço que a Internet, desde que usada com moderação, até pode ter alguma utilidade...

Ele acentuou de tal forma a palavra *moderação*, que me palpitou que me ia dar assunto para a próxima história.

Por isso sentei-me, sorridente, e o homem, mandando vir uma cerveja para si e um copo de água para mim (era ele quem pagava a conta), recostou-se, e começou:

- Você sabe que a minha firma é concorrente da Makro-Teknika. Por isso, achando que eles tinham razão em ter tantos "K" no nome, mandei também meter mais um no da minha firma.

Tome lá um cartãozinho actualizado.

Tekno-Teknika passara a Tekno-Teknika.

E continuou:

- Eles dizem que *quem tem "K" sempre escapa!* O *slogan* até tem graça, mas parece que os negócios não lhes estão a correr muito bem...

E confidenciou, num ar de grande segredo, depois de olhar em torno:

- Eles andam a tentar exportar para o Afeganistão. É um mercado muito promissor e em que nós também estamos interessados. Assim, dei duas directivas de alta estratégia!

Ficou a olhar para mim, para ver a minha reacção, e eu fiz um ar de quem estava ansioso por ouvir o resto. Ele apreciou o facto e prosseguiu:

- Primeiro, vim a saber que eles tinham o telefone ligado à rádio. Quando as pessoas lhes ligam, em vez de apanharem com música, levam com uma rádio local!

Eu já tinha ouvido essa: o Grande Estultício, assim que soubera de que estação se tratava, apressara-se a anunciar, nela, a sua empresa!

Mas não se quedara por aí:

- Quanto à outra acção, a coisa já mete Internetes e isso pede outra bebida. *Psst! Garçon!* Mandou vir mais uma cerveja para ele e outro copo de água para mim e continuou:

- O Batatinha chamou-me a atenção para o facto de que, na exportação, é preciso ter muito cuidado com as diferenças culturais. Sabe que os imbecis da Makro-Teknika levaram, por mão, garrafas de Vinho do Porto como oferta aos talibans?!

Custou-me a crer. Mas, como não me pareceu que ele estivesse a mentir, mostrei interesse em saber mais pormenores.

- Se calhar nem perceberam que caiu mal e, da próxima vez que lá forem, levam presuntos!

Eu acompanhei-o na inevitável gargalhada. De facto, era preciso ser-se refinadamente ignorante para não se saber que, para aqueles lados, o álcool e a carne de porco são proibidos!

Nessa altura, chegou o Sr. Batatinha. Cumprimentou-nos, sentou-se ao pé de nós, mandou vir o cafezinho e rapidamente se integrou na conversa:

- Fui eu quem aconselhou o Chefe a consultar a Internet. E foi lá que aprendemos essas

coisas...

- E ainda bem! - comentou o outro - Veja só que até me preparava para enviar a esses mesmos clientes uns cartões de Boas-Festas com um Pai-Natal e renas!

E, rindo, deu uma grande palmada na mesa fazendo saltitar a caneca da cerveja.

A conversa, quanto a esse assunto, ficou por ali e desviou-se para o futebol.

Por isso, só mais tarde vim a saber que ele (não querendo perder muito mais tempo com pesquisas na Web) mandara simplesmente trocar os tais cartões do Pai-Natal por outros com o Presépio e o Menino Jesus!

3

O Despedimento da D. Florípedes

Como já vai sendo hábito, mais ou menos uma vez por mês tropeço no Eng. Estultício.

Mas, tendo ele deixado de encontrar referências jocosas à sua pessoa, fala-me agora muito bem.

Lá continua fiel ao seu lema «Progresso, só o estritamente indispensável» pelo que, quando eu preciso de assunto para escrever uma destas crónicas, basta fazer-me encontrado com ele e dar-lhe um pouco de corda.

Foi o caso desta vez...

E assim, na semana passada, dei por mim a ouvir mais uma das suas diatribes:

- Você bem sabe que eu não sou contra o mundo digital! Sou é contra o exagero, a invasão *dessa coisa* por todo o lado!

Fiz *que sim* com a cabeça, pois estava-se mesmo a ver que ele queria desabafar. E, na ausência do Sr. Batatinha (o seu fiel vendedor e braço direito) ia ser eu a ter que o ouvir.

- Você já sabe que eu tive de despedir a D. Florípedes?

Como não sabia (nem sequer estava a ver quem era a senhora) só tive que mandar vir o meu copo de água e fazer o meu mais convincente ar *expectante*.

- Pois é. Você já sabe como eu sou. Tenho um coração de oiro, e tão depressa me zango com as pessoas como me passa logo *a mosca*. E às vezes já nem me lembro se estou zangado com elas ou não...

Comentei que, para um gestor como ele, esse facto tinha vantagens e inconvenientes. Mas tratou-se apenas de debitar um lugar-comum para não estar calado e preencher o silêncio.

O Estultício gosta muito de se ouvir, e fica nervoso se se apercebe que o interlocutor não está a prestar, ao que ele diz, a atenção que ele acha que a coisa merece...

- Não sei se você sabe que ela saiu da Makro-Teknika por causa do gato. Recusava-se a consultar o «Diário da República» na Internet, e veio a descobrir-se que ela só fazia questão na versão em papel porque a usava para forrar o caixote do animal...

Interrompeu-se, riu com prazer, e eu acompanhei-o, sem fazer esforço algum pois a história até tinha graça.

E ele prosseguiu:

- Pois eu não sei o que se passou ao certo. Só sei que a coisa deu para o torto. Você sabe como estas coisas são: palavra-puxa-palavra... *dize-tu-direi-eu...* e a senhora lá se despediu. Até aqui tudo bem, acolhemo-la de braços abertos. Mas ela começou a levar também o animal para o meu escritório, e aí já não achei muita graça... E o pior é que o raio do bicho tem a mania de vir para o meu gabinete, assim como quem não quer a coisa - está a ver? - e desata a passear-se no teclado do meu computador!

Visualizei mentalmente a cena, achei-lhe imensa graça, ri-me, e ele, feliz, lá continuou:

- Vendo o problema sob um prisma meramente de *hardware* informático, a coisa não me preocupa muito, porque eu quase não uso a maquina. Mas achei isso um abuso. Atirei o bicho pela porta fora, e disse à D. Florípedes que não queria animais no escritório para além daqueles a quem tenho de pagar ordenado. Ora a *madamme* não gostou, e decidiu despedir-se! Mas resolveu requintar a cena, e você já vai ver como estas coisas da Internet, quando usadas em exagero, dão mau resultado.

E fez mais uma pausa para mandar vir outra cerveja para si.

- Pois, como eu lhe ia dizendo, a *madamme* decidiu fazer uma coisa em grande, despedir-se em beleza, dando um verdadeiro escândalo digital!

Mostrei que não tinha percebido a estranha frase e ele ficou contente por poder esclarecer:

- Ela, que dizia que não sabia navegar na Internet (era tudo treta, por causa do gato!), afinal soube muito bem redigir um *e-mail* terrível, a *dizer cobras e lagartos* de mim: facturas falsas,

fugas ao fisco... você sabe... essas coisas que, embora dizendo que não, toda a gente faz. E a *madamme* preparou tudo para fazer o envio mesmo à hora da saída. Com o requinte de que o *e-mail* seria distribuído pela empresa toda e ainda iam umas cópias para os jornais, para a televisão e para a concorrência!

- E então? - a história estava, de facto, a interessar-me!

- Bem... *Sua Excelência* passou a tarde toda a aprimorar-se nessa porcaria. Mas eu, que sou pessoa que não guardo rancores, esqueci-me do que se tinha passado de manhã com o gato e fui chamá-la para beber uma taça de champanhe para comemorar o meu aniversário com o resto dos colegas. E, no meio dos copos e das saúdes, eu até lhe disse: «Ó D. Florípedes, vá lá buscar o seu tareco para nos fazer companhia, que não é gente mas é como se fosse nosso colega!»

Riu-se muito, aproveitou para dizer a idade que tinha («Não parece, pois não?») e prosseguiu:

- Ora a nossa amiga, ao ver o meu bom coração, lá foi buscar o gato, e deve ter reconsiderado a sua atitude. Arrependeu-se, e foi para casa sem ter enviado nada... Foi mesmo por uma unha negra! Bastava-lhe só ter carregado numa tecla (uma qualquer!) e teria enviado o maldado *e-mail*! E no dia seguinte teria ido para o olho da rua com justa causa! Estou mesmo a ver... copo para aqui, taça de champanhe para ali, e lá foi ela para casa, feliz e contente, e tendo-se esquecido de desligar o computador!

- Foi a sorte dela, não? - perguntei eu, sorrindo, porque a coisa até tinha graça.

Mas havia qualquer coisa na história que não batia certo:

- Então, se ela não enviou o tal *e-mail*, como é que você soube o que ela escreveu? E não foi até por isso que você a despediu?!

- Bem... já vi que você está mas é a olhar ali para aquela cachopa e não está a prestar atenção nenhuma à minha história!

E, um pouco enfadado, esclareceu, levantando-se e dando a conversa por encerrada:

- Então eu não lhe disse há bocado que o gato tinha a mania de se passear pelos teclados dos computadores?!

4

Um livro?! Livra!

Foi com um misto de curiosidade e preocupação que, na semana passada, vi o Eng. Estultício a ler, no café, a *INTERNET PRÁTICA* de Março! Tendo ele, por lema, «Progresso, só o estritamente indispensável» - o facto era para estranhar...

... tanto mais quanto parecia completamente absorto na leitura, a ponto de nem dar pela minha aproximação!

Sentado a seu lado, o fiel Batatinha espreitava também, com o pescoço esticado, a mesma página.

Que diabo! Estariam a ler a «Crónica do Estultício» em que se gozava com o homem?!

Eu tinha um acordo secreto com o filho dele segundo o qual, se necessário, essa página seria rasgada. Mas nunca fiando... Por isso, resolvi dar uma grande volta por forma a aparecer-lhes por detrás.

E foi assim que descobri que estavam ambos muito obcecados com um artigo sobre *e-books*, que é como se chamam uns livros electrónicos que alguns visionários andam a engendrar.

A ideia consiste num aparelho com a forma de um livro mas cujas páginas estão em branco. Não se trata de mais um dos inúmeros «Livros-Branco» que há para aí! Na verdade, o livro também não é bem um livro: vem vazio e tem de se ir buscar o conteúdo a qualquer lado (em princípio, à Internet) e só depois é que se lê.

Claro que, associado a isso, haverá todas as facilidades que se imaginam:

Além de se poder, de certa forma, controlar os direitos de autor, será possível carregar uma quantidade enorme de obras e até - em alguns modelos - anotar as margens! (1)

E não precisa, sequer, de ser um livro: pode ser uma revista ou um simples jornal que, inclusivamente, se pode apagar uma vez lido (visto que não servirá para embrulhar castanhas nem para forrar o caixote do gato).

Eu estava abismado! Tínhamos, pois, o Estultício a preparar-se para aderir a essa modernice que ainda nem sequer estava à venda em Portugal?!

Acabei, então, por dar as boas-tardes aos dois...

Não comentaram o facto de eu ter aparecido de surpresa e o Grande Homem limitou-se a exclamar:

- Ora ainda bem que aparece! Estávamos aqui a apreciar uma coisa que você há-de gostar de ver!

Informei-o, então, de que já tinha lido muitos artigos sobre o assunto e resolvi «puxar por ele», tendo em vista - quem sabe? - o tema para uma próxima crónica (que veio a ser esta!):

- Então e o que acha? - perguntei, curioso.

- Ora! Esta revista foi-me trazida pelo meu filho, que também é como você e anda sempre à caça das modernices. Mas por acaso este produto até tem piada. Tem piada, sim senhor!

Estávamos aqui a tentar descobrir se dará para ver televisão na cama.

Comentei que não me parecia, mas ele não se mostrou preocupado:

- Também já achava muita fartura! Estes informáticos nunca mais fazem coisas com interesse prático!

E fechou a revista, dando o assunto por encerrado e convidando-me, jovialmente, a sentar-me à mesa.

Assim fiz. Mandou vir mais uma cerveja para ele e o habitual copo de água para mim, a conversa derivou para outras coisas, e o assunto do *e-book* morreu.

Algum tempo depois, quando me preparava para me vir embora, reparei que o Sr. Batatinha também se levantava e me piscava o olho!

Era evidente que me queria contar alguma coisa...

E, arrançando uma qualquer desculpa, lá veio ele comigo até à paragem do autocarro.

- Já não aguentava mais! - desabafou, quando se viu longe do Grande Chefe.

E desatou a rir, a rir, a ponto de se engasgar, chamando a atenção das pessoas que passavam. Por fim, quando conseguiu falar, esclareceu:

- Você sabe porque é que o Estultício nunca vai comprar aquela coisa?

Não era preciso ser bruxo. O Estultício nunca compraria o *e-book* pela simples razão de ser alérgico a tudo quanto é novo... - e foi isso o que eu respondi.

- Errado! O motivo é muito mais simples! É que ele é um daqueles portugueses típicos que, simplesmente, não lêem nada.

- Não pode ser! Então o homem não tem livros em casa?!

- Ter, tem... Mas a utilidade que lhes dá não é muito compatível com o tal *e-book*. Além disso, tem só dois: uma lista telefónica a calçar a cómoda e um do Pato Donald a calçar a cama...

5

Grande Porcaria!

Talvez estejam recordados de quando o Eng. Estultício me contou, envergonhado, que recorrera à Internet para se informar dos hábitos e costumes dos talibans com quem queria estreitar relações comerciais...

Pois é verdade. Apesar de ser dono de uma empresa técnica - a Tekno-Teknika - o nosso amigo mantém-se "agarrado como uma lapa" à peregrina ideia de que «Progresso, só o estritamente indispensável».

Continua a defender a opinião de que «isso da Internet é uma moda e uma coisa para garotos», pelo que essa tal navegação, de que em tempos vos falei, fora feita à porta fechada, muito possivelmente às escondidas, e decerto fora de horas.

Mas o certo é que o Estultício lá andara a navegar na Web, de *link* em *link* como um *surfista* encartado, a informar-se sobre os hábitos de outros povos e culturas (nomeadamente os relacionados com a civilização islâmica!) pois queria - e muito bem! - dedicar-se à exportação. E o resultado fora que, à força de estudar os hábitos muçulmanos (o Corão, o Ramadão, o Ano Lunar, as recusas do álcool e da carne de porco, etc., etc.), acabara por ficar um especialista nesses assuntos inter-civilizacionais.

E aposto que, no próximo Natal, já não vai voltar a enviar aos fundamentalistas do Afeganistão cartões de boas-festas com o Menino Jesus e o Presépio!

Pois um dia destes, e quando eu menos esperava, voltei a encontrá-lo.

Lá estava ele, exibindo, como sempre, o seu ar próspero e sorridente, saboreando uma cerveja fresca na esplanada do costume, na companhia do Sr. Batatinha, o seu fiel funcionário. Não me pareceu que estivessem a ler nada, muito menos a "Internet Prática", pelo que eu não devia correr o risco de ser confrontado com o texto do mês passado em que, como já vai

sendo hábito, gozava com ele.

Mesmo assim, quando, ainda ao longe, ele me viu e chamou, foi com algum alívio que eu reparei que o fazia com um ar descontraído e até de grande prazer.

Cumprimentámo-nos e, satisfeito por ele não me ter atirado com o terrível e habitual «Sente-se aqui, seu maroto, que temos muito que conversar!», reparei que uma cadeira vazia já estava à minha espera e até o meu copo de água já vinha a caminho...

- Hoje vou dar-lhe uma grande notícia! - desfechou-me ele, com uma sonora palmada nas costas. - Mas sente-se primeiro, pois é de arromba e não dá para você a ouvir e ficar de pé!

E assim fiz. Ele, então, recostando-se com indisfarçado gozo, começou a contar, pausadamente, a grande novidade:

- Lembra-se da história dos talibans e do Vinho do Porto que os imbecis da Makro-Teknika lhes ofereceram?

Claro que me lembrava. Uma barbaridade dessas não é coisa que alguém esqueça!

- E lembra-se, também, que fiquei a saber tudo sobre Pais-Natais, carnes de porco, etc., devido à Internet?

Evidentemente que também me recordava. E isso até me dera um grande prazer, pois fico sempre imensamente feliz quando vejo algum inforfóbico reconhecer que "essas modernices" servem para alguma coisa...

- Pois fique sabendo: no seguimento dessa minha incursão pelo ciberespaço de que você tanto gosta, o meu filho, que veio a saber da coisa, convenceu-me.

Fez uma pausa, e prosseguiu:

- Convenceu-me a investir no negócio que dizem que "está a dar", e vou transformar-me num ISP de primeiríssima categoria!

A minha boca ia-se abrindo até ao chão! O Estultício ia ser *Internet Service Provider*?! Não era possível!

Bem, desde que vi um peru a andar de *skate* já acredito em tudo!

E foi nessa altura que reparei que o Sr. Batatinha começava a torcer-se e a fungar, tentando disfarçar o riso. Simulava tossir, assoar-se, engasgar-se... e até fazia de conta que apertava os atacadores dos sapatos!

Logo depois levantou-se, deu a desculpa de que tinha de ir buscar a mulher não sei aonde, e eu aproveitei também para sair dali e tentar saber o que estava a acontecer.

E foi já na paragem do autocarro que ele, como de costume, desembuchou:

- O diabo do rapaz resolveu gozar com o pai e convenceu-o de que agora "o que estava a dar" era isso dos ISP...

- De facto, com a Internet gratuita, isso pode ter sido uma mentira muito subtil e refinada! - comentei eu.

- Nada disso! A coisa foi pior ainda! O miúdo, aproveitando ser 1º de Abril, "explicou" ao Chefe que **ISP** quer dizer **Industrial de Salsichas e Presuntos**!

6

A Opção Misteriosa

Hoje em dia, pela Internet, consegue-se enviar de tudo:

Textos, fotos, sons, filmes...

Agora, face ao seu casamento com os telemóveis, temos de estar preparados para isso e para muito mais...

Como o meu amigo Estultício continua a defender a opinião de que "isso da Internet é uma coisa para garotos", eu fiquei de boca aberta quando o vi, no café do costume, a manipular um telemóvel de última geração com tecnologia WAP e acesso à Web!

Do outro lado da mesa, e igualmente absorto num aparelho igual, o Sr. Batatinha, o seu fiel funcionário.

E, de facto, tão entretidos estavam aqueles dois que nem deram pela minha aproximação.

Mas foi por pouco tempo:

- Ah! Ainda bem que aparece! Andamos a estudar esta pequena maravilha da técnica!

Sorri para comigo. O Estultício, por intermédio dos telemóveis ia, decerto e finalmente, aderir às maravilhas do ciberespaço!

Mas deixei que fosse ele a abordar esse assunto, o que não tardou a acontecer:

- Ora temos aqui as cotações da bolsa... as farmácias de serviço... os cinemas... tudo coisas que fazem muito jeito, sim senhor! Muito jeito!

E, desligando o aparelho, comentou:

- Assim está bem. Só as coisas verdadeiramente úteis e essenciais. Não me venham para cá falar de *Internet a sério*, que isso é coisa que não existe. A Internet continuará sempre a ser uma coisa para garotos e a ter uma influência muito negativa, mesmo muito negativa!

De facto, eu devia ter desconfiado de tanta abertura de espírito! E o Sr. Batatinha encolhia os ombros, olhando para mim como quem diz: «Não há nada a fazer!».

Sentei-me e preparei-me para falar de outras coisas.

Mas o Estultício estava obcecado com o seu novo brinquedo e não queria mudar de assunto:

- Você ainda não viu a melhor!

E, cruzando a perna, mostrou-me uma coisa verdadeiramente incrível:

O sapato direito tinha uma discreta fenda atrás, e o aparelho encaixava-se ali, entre a peúga e a palmilha!! E, como já se está a ver, passava-se o mesmo com o do Batatinha!

- A quem compra esta maravilha, a loja oferece um par de sapatos à sua medida. E há muitos modelos para escolher. - esclareceu o Grande Chefe.

Percebi tudo! Estávamos, portanto, perante os famosos telemóveis cuja bateria era carregada através do acto de andar!

Era o que se podia dizer *tê-lo sempre ao pé!*

Enquanto eu mantinha a boca aberta de espanto, os dois retomavam a conversa sobre os aparelhos - assunto que os obcecava.

- Bem, agora vamos ver se funcionam para aquilo que foram concebidos: falar!

E foi assim que me preparei para assistir à cena caricata de duas pessoas, sentadas à mesma mesa, a conversarem por telemóvel uma com a outra!

Mas, de súbito e logo no início, o Estultício berrou, afastando o aparelho de si:

- Bolas, Batatinha! Desactive lá essa coisa da "Opção S"! Que mau gosto!

"S"?! - interoguei-me - Que diabo seria a "Opção S"?!

O certo é que o outro lá carregou num botão qualquer, desactivando, pelos vistos, essa misteriosa função!

Conversa para aqui, conversa para ali... só quando se fartaram de dizer banalidades é que desligaram.

Arrumaram então os aparelhos nos respectivos sapatos e o Estultício, feliz, mandou vir uma cerveja para ele e copos de água para os outros.

Depois, sorrindo, perguntou-me o que é que eu achava daquilo tudo que tinha visto.

Claro que lhe disse que estava maravilhado, e perguntei o preço e a loja onde se compravam.

Era de prever que fosse coisa cara...

- De facto não são nada baratos, mas temos de ter em conta que eles oferecem uns sapatinhos à moda (com o requinte de os substituírem, por um preço simbólico, à medida que a moda evolui). Por isso, ao fim de algum tempo a coisa compensa.

Pedi, então, para ver bem um dos aparelhos e, ligando-o, acedi à Internet e consegui ver o meu correio electrónico! Fiquei banzado!

- Que pena serem tão caros - comentei, aproveitando para ver a tal tecla da misteriosa "Função S".

- Se for à loja, veja se eles têm modelos sem essa opção. Há muita tecnologia envolvida nela, que é completamente desnecessária e só encarece. Olhe, é um dos casos típicos em que o progresso vai mais longe do que deveria ir!

Mais tarde, lendo as instruções que vinham com os aparelhos, percebi tudo:

Tratava-se da nova possibilidade de, através da Internet, transmitir... Bem, sabem o que quer dizer "Smell"?

7

O Macro-problema

Como tantas vezes acontece, lá tive de me cruzar mais uma vez com o Eng. Estultício e o seu fiel Batatinha, sentados na esplanada do café por onde tenho de passar a caminho da paragem do autocarro...

Mas quando, ao longe, vi os nossos amigos, estranhei o facto de ambos se estarem a rir à gargalhada.

Quando assim é, a primeira coisa que eu procuro fazer é assegurar-me de que não estão a ler a «Internet Prática», onde costumo gozar com o Grande Gestor. Se bem que eu tenha um acordo com o filho dele (segundo o qual, e se for caso disso, ele rasga a página respectiva), nunca fiando, nunca fiando...

Pois, de facto, não era essa revista que estavam a ver. Mas - quem diria! - o Estultício tinha entre mãos uma outra, também de carácter técnico, e que eu acabara de ler minutos antes. Mais confiante, cumprimentei-os então com o meu melhor sorriso e sentei-me no lugar habitual, entre ambos. E, como é evidente, tentei conduzir a conversa por forma a tentar satisfazer a minha natural curiosidade.

Qual o tema (de entre tantos que a revista abordava) que os levava àquela alegria toda?

Pois nada mais nada menos do que os **novos meios de ligação ao ciberespaço!**

Ora, já no mês passado vimos como o nosso amigo Estultício reagira razoavelmente bem à introdução da tecnologia Internet nos telemóveis. Como reagiria ele, então, às outras *modernices* (como ele chamava a essas coisas todas) que também dispensavam o computador?

A resposta, se tudo corresse como era habitual, havia de vir no decorrer da conversa. Por isso, recostei-me confortavelmente, pedi o meu copo de água habitual e preparei-me para escutar.

- Esta é a melhor de todas! - bradou o Estultício inesperadamente, dando uma grande palmada na revista, acompanhando-a de uma estrondosa gargalhada - Estes idiotas dos informáticos agora querem meter frigoríficos ligados à Internet! Deve ser para termos *notícias fresquinhas!*

E, acompanhado pelo Batatinha (que procura sempre rir-se quando o Grande Chefe o faz), explodiu noutra gargalhada interminável que pôs toda a gente no café a olhar para nós!

- A seguir, estes imbecis vão de certeza ligar as torradeiras e os esquentadores à Internet, para quando houver *notícias escaldantes!*

Eu e o Batatinha olhávamos agora para ele com um sorriso constrangido, pois o facto de termos umas dúzias de pessoas a observar-nos com um ar estranho tornara-se, de súbito, francamente desagradável...

E foi o seu fiel colaborador quem tentou dar um pouco a volta à conversa, argumentando:

- Ó chefe, mas olhe que isso até não está mal visto. Já se chegou à conclusão de que a maior parte das pessoas que tem medo da Internet é por causa dos computadores, que não são nada... como é que se diz?

- Conviviais, ou antes: *user-friendly*, como se diz em português - completou o Grande Chefe, feliz por ter oportunidade de mostrar como já dominava bem algum léxico associado às *novas tecnologias!*

- Sim - continuei eu, pegando no assunto por esse ponto de vista -, eu também acho que, se a Internet estiver acessível, por exemplo, através da televisão, tudo se vai tornar mais fácil...

- ... para os idiotas como eu, está você a pensar! - E deu outra estrondosa risada! - Mas é possível, sim senhor. É bem possível... E como isso da Internet é coisa para garotos, se a meterem na televisão deve ser num canal infantil!

Quando é assim (ou seja: quando a conversa desata a descambar para a inforfobia), eu só começo a pensar numa boa desculpa para me pôr a mexer dali para fora.

Estava eu a pensar nisso quando chegou o meu copo de água, pelo que tive de aguentar mais algum tempo e ouvir mais algumas diatribes.

- Você sabe que eu odeio tudo o que seja *microinformática, microprocessadores, microcomputadores...*

Claro que sabia. Por isso é que fiquei preocupado e quis fugir dali! É que, tendo eu já lido a revista, sabia que, quando ele virasse a página, ia deparar-se com a nova tecnologia de ligação à Internet através dos *microondas!*

8 Não me Liga!

Como vos tenho contado, de vez em quando encontro o Eng. Estultício, sentado no café por onde eu tenho de passar quase todos os dias a caminho do emprego.

Em geral está acompanhado do seu fiel vendedor, o Sr. Batatinha, e a conta é paga alternadamente: uma vez por um, outra vez pelo outro. A coisa até é engraçada, pois nos dias em que calha ser o Chefe a pagar vêm cervejas para ele e copos de água para o colaborador.

De qualquer forma, quando tenho ainda algum tempo disponível, cumprimento-os e sento-me à mesa para tagarelar um pouco.

E, então, quando chega a altura de escrever esta história mensal, é que não pode falhar! Pois - invariavelmente e com um pouco de jeito - consigo arranjar qualquer coisa, nem que, para isso, tenha de "puxar por ele".

Há algum tempo passou-se até uma cena engraçada que, como não tem nada a ver com assuntos tecnológicos, nem pensava relatar aqui. Mas não resisto:

- Você é do Porto, não é? - perguntou-me ele, sabendo muito bem que sim.

E prosseguiu:

- Como é do seu conhecimento, lá na sua terra chamam *cimbalino* ao café a que nós, aqui na capital, chamamos *bica*.

Claro que sabia isso, e disse-lho. Pelos vistos a conversa vinha a propósito de, nesse dia e excepcionalmente, estarem a tomar café, pelo que ele aproveitou para contar uma gracinha:

- Sente-se aqui connosco, que vou mandar vir mais um. Assim, e visto que em vez de dois são três, em vez de *bica* será uma *trica*!

Achou muita graça a si próprio, o Batatinha esforçou-se por rir, e eu lá tive de tomar o café que ele encomendou mesmo sem perguntar se me apetecia.

Mas isso foi já há algum tempo, pois, da última vez que os encontrei, o que me chamou a atenção foi o facto de haver um grande ajuntamento de pessoas (umas em pé e outras sentadas) de roda da mesa deles. O que se estaria a passar?!

Aproximei-me, mas não foi fácil encontrar uma nesga por onde pudesse espreitar. Finalmente, e após algum esforço, lá consegui ver.

Em cima da mesa, e a ser manipulado pelo Grande Engenheiro, estava um computador de bolso, já aberto e ligado. E, mesmo ao lado, o seu telemóvel topo-de-gama!

Percebi, então, que tentavam aceder à Internet. Mas, por um qualquer motivo, não estavam a conseguir.

- Se calhar não tem pilha - dizia o dono do café.

- Ou é porque está à sombra... - aventou o empregado, explicando (para os que se espantaram com a observação) que aquilo podia ter bateria solar.

- Às vezes é falta de gasolina! - comentou o engraxador, rindo, enquanto escovava os sapatos de um cavalheiro na mesa do lado.

Mas o certo é que, uma vez activado o "browser", até foi possível navegar por um "site" comercial, para a frente e para trás! Só no fim, quando se chegava a parte das compras propriamente ditas, é que aquilo não dava nada...

- Acabou o circo, meu senhores! Deve ser a esta porcaria que chamam o *e-business*. Quanto a mim, a solução é ir até à loja e que se lixe a Internet! - Comentou por fim o Estultício, fechando o aparelho com decisão e arrumando o telemóvel.

As pessoas ainda ficaram algum tempo por ali, dando mais uns palpites, mas depois afastaram-se.

Então sentei-me, fiquei só com os nossos dois amigos, e aproveitei para, mordido de inveja, ver bem o aparelho - uma autêntica maravilha da tecnologia.

O Estultício só comentava:

- Deixe lá isso, homem. Já se viu que não funciona. E, quanto à loja, o melhor é ir até lá. Aliás, é mesmo isso que vem escrito no catálogo.

Não percebi essa última frase, que me pareceu espantosa! Mas, com o decorrer da conversa, fui entendendo o que se passara:

O vendedor, na loja e aquando da demonstração, ligara-se à Internet, navegara por alguns "sites" (entre eles o tal das compras) e essa navegação toda ficara registada na "cache".

Claro que no café aquilo não podia funcionar porque, simplesmente, o nosso amigo não tinha feito a ligação à Web. Mas, vendo o seu ar superior de quem sabe tudo, também não fiz comentários nem lhe expliquei o que se passara.

Como estava a fazer-se tarde, pedi que me emprestasse o aparelho e o livro de instruções para ver tudo com calma. E foi já no autocarro que percebi a tal estranha frase.

Dizia o manual, a certa altura, e referindo-se à ligação por infravermelhos (*) entre o computador e o telemóvel:

IR, A MELHOR SOLUÇÃO!

9 Como disse??

O Eng. Estultício, talvez devido à proximidade das férias, pôs de lado, temporariamente, o seu lema «Progresso, só o estritamente indispensável».

De facto, fiquei de boca aberta quando, há algum tempo, ele se virou para mim e desfechou:

- Uma vez sem exemplo vou fazer uma concessão a isso a que chamam "progresso".

A cena passou-se, como habitualmente, na esplanada por onde eu passo quase todos os dias. Estávamos no pino do Verão, o sol abrasava, e eu pensava mais em férias do que em qualquer outra coisa. Mas em breve vi, pelo evoluir da conversa, que o assunto que ele queria abordar também tinha a ver com isso.

- Vou pedir-lhe ajuda para marcar uma viagem de férias pela Internet. Quero qualquer coisa de bem original! E pode ser já, pois até tenho aqui o telemóvel!

E, sem mais palavras, ligou o aparelho e deu-mo para a mão.

Comecei, então, a mover-me no "ciberespaço em modo WAP" à procura de uma agência de viagens que oferecesse destinos exóticos. Quando, ao fim de algum tempo, encontrei o que procurava, o Sr. Batatinha, aproveitando uma distração do Chefe, sussurrou-me:

- Veja se o manda para a Sibéria... diga-lhe que lá o Verão é fresquinho...

Embora também se encontrassem viagens para esses lados, achei muitas outras para sítios incríveis:

- Que tal Java... Bornéu... Papuásia...? - perguntei, contendo o riso.

- Bingo! - Foi a espantosa resposta - Vamos nessa! Marque lá a viagem e o hotel para um desses sítios!

Um brilho de gozo cintilou nos olhos do Sr. Batatinha: decerto pensava em antropófagos... E eu, vendo que estava na minha mão, e à distância de um "clic", a possibilidade de enviar o Estultício para o outro lado do mundo, decidi provocá-lo uma última vez:

- E quer só um bilhete, ou a família também vai?

Para meu espanto o homem respondeu que queria ir sozinho!

- Você não quer primeiro saber a língua que por lá se fala? - Inquiri, confuso, vendo que estava a tornar-se sério o que de início parecia ser uma brincadeira.

- Não se preocupe. O meu filho ofereceu-me uma máquina que traduz 99 idiomas. Tem um microfone, a gente fala, e a tradução aparece pouco depois, quer em som quer em texto.

Perante isso, tratei de tudo, incluindo o pagamento. E, no seguimento dessa incrível conversa, vim a saber que o nosso homem embarcara e se lançara à aventura!

O encontro seguinte teve lugar algumas semanas depois, mas não no café do costume. O Estultício estava tão emocionado com a viagem que fizera que decidira brindar-me com uma visita, depois do jantar, para me relatar tudo e mostrar os "slides" que tirara. Tinha chegado nessa manhã e não conseguira esperar mais!

Preparei-me para ouvir descrições inevitavelmente maçadoras mas, a certa altura, apercebi-me de que a coisa ia mesmo ter interesse: é que o homem decidira, de facto, internar-se na floresta-virgem em busca de aventura, devidamente equipado como bom explorador, levando a tiracolo, além de uma espingarda, a tal máquina de tradução automática multilíngue!

Depois de relatar pormenores sem grande interesse a descrição chegou, por fim, a uma parte emocionante. Estultício, levantando-se, interpôs-se entre o projector de "slides" e o écran, e, nervoso, narrou:

- Teria sido tudo uma maravilha se não fosse o susto que apanhei por causa da porcaria do tradutor electrónico!

E explicou-se melhor:

- Na véspera da minha partida o meu filho decidiu confirmar quais as línguas que a máquina traduzia. E, pelo-sim-pelo-não, foi à Internet buscar mais alguns ficheiros do tipo "dicionário". «Boa!» - pensei eu - «O Estultício até já sabe o que é um ficheiro!»

- A certa altura, quando eu estava bem internado na selva, dei por mim cercado de pigmeus. Peguei na máquina de tradução automática e, virando-me para o que tinha cara de chefe, ditei a mensagem: «Todos diferentes, todos iguais! Eu sou como tu!». Demorou algum tempo até que a máquina funcionasse (grande "suspense") mas, por fim, a coisa lá pronunciou tudo com voz sintética. Riram-se muito, fizeram uma grande festa, e levaram-me em ombros para a aldeia, onde fui muito bem recebido.

- Simpático - . Comentei - E depois?

- O pessoal da aldeia batia palmas e cantava em coro. Vim depois a saber que diziam «Nós como tu!». O pior é que a máquina estava com dificuldades de tradução e, antes de eu lhe fazer o "reset", traduzia por «Nós comemos tu!».

10 O grito de guerra

Acabadas as férias de Verão, o Eng. Estultício recorreu à Internet (quem diria?!) para obter algumas informações suplementares que tornassem o respectivo relato mais credível e interessante...

Talvez estejam recordados da última aventura do nosso amigo Estultício. Com a minha ajuda, e utilizando o seu telemóvel de última geração com ligação à Internet, o Grande Homem escolheu um incrível destino para as suas férias. Assim, depois de uma longa viagem para o outro lado do planeta, fora parar a uma aldeia de selvagens que, à primeira vista, lhe pareceram antropófagos. Como é evidente, o pobre homem não ganhou para o susto. Mas, verdadeiramente, a culpa dos cabelos brancos que nesse dia lhe nasceram foi de um *software* de tradução automática que, em vez de «Nós como tu!» acabou por pronunciar a aterradora frase «Nós comemos tu!».

O certo é que, uma vez regressado a Portugal, restabelecido e livre de perigo, quem o quisesse ouvir poderia escutar relatos de incríveis aventuras e pretensa heroicidade. Só que, agora, não apenas nas florestas virgens (por onde, de facto, tinha andado nas férias) mas, *aproveitando o balanço*, também em muitos outros sítios do mundo, em pleno coração de guerras, rebeliões e intermináveis combates sangrentos!

Quem me desvendou o segredo de tão estranha atitude foi o seu colaborador, o Sr. Batatinha. Vim a saber por ele que o Estultício recorrera aos jogos de computador que o filho agora usava, informara-se detalhadamente sobre armas, táticas e estratégias, e ainda (coisa espantosa!) recorrera à Internet, sempre através do seu inseparável telemóvel, para obter mais alguns dados sobre assuntos correlacionados que pudessem credibilizar as aventuras com que tencionava assombrar amigos e conhecidos.

E foi assim que, há alguns dias atrás, fui dar com ele, no café, rodeado de uma grande e interessadíssima assistência.

Ele e o Batatinha eram os únicos que estavam sentados. Os outros, uma boa vintena de pessoas (pois tantas eram as que estavam nessa tarde por ali), ouviam, em pé e em silêncio respeitoso, frases e descrições de extraordinários acontecimentos.

Não faltavam os relatos de terríveis, sangrentos e intermináveis combates corpo-a-corpo, de assaltos e desembarques (de pára-quedas ou de navios anfíbios) nos quais - a acreditar no narrador - o Estultício fora o protagonista mais valente e - já se vê - o herói principal!

E também não faltava (em cima da mesa e com os canos a roçar ameaçadoramente os mais chegados) a carabina que ele levava, de facto, para a selva, e cuja coronha ele agora acariciava com a mão esquerda como a uma velha e inseparável amiga perante o temor e o respeito da assistência silenciosa e boquiaberta.

Ele não me viu chegar e eu também não me mostrei logo. Preferi ficar atrás dos outros, divertido e a escutá-lo em silêncio, para ver até onde ia a sua *criatividade* (que é um termo muito mais simpático do que *aldrabice*...).

Dizia ele, no fim de uma dessas descrições terríveis em que, sozinho, dera cabo de um batalhão de comandos inimigos:

- Comigo é assim: na guerra, ou mato ou morro! E sempre me dei bem com essa divisa, que é o meu grito de guerra desde o euprimeiro combate em que estive envolvido! Os outros, agora, só diziam «Ah! Oh!» (enquanto ele emborcava a caneca de cerveja). E ninguém reparava no sorriso maroto que assomava aos lábios do Sr. Batatinha. E foi este quem, um pouco mais tarde e já no autocarro, me desvendou o essencial do segredo:

- Sabe? O Grande Chefe também andou a fazer pesquisas na Internet para encontrar um bom "grito de guerra", para dar mais efeito e credibilidade aos relatos das suas aventuras. Como não encontrou nada e eu soube disso pelo filho, eu mesmo lhe enviei uma mensagem anónima com essa coisa do «Ou mato ou morro!». Só que não lhe expliquei tudo, evidentemente, pois tratava-se de uma brincadeira minha...

Riu-se, com gosto, e concluiu:

- Ele nunca soube que fui eu quem lhe escreveu, é claro! Ficou todo contente e fartou-se de agradecer ao "amigo anónimo". Sabe? É que essa era a minha divisa quando andava na tropa, mas a que eu dava uma interpretação que não era lá muito heróica: «Ou MATO ou MORRO» queria dizer: se o inimigo viesse do MATO, eu fugia para o MORRO. E se viesse do MORRO...

11

O Grande Pato

Confesso que estava à espera de tudo menos de ver o Eng. Estultício, juntamente com o seu fiel Batatinha, a discutirem Ciências Humanas na esplanada do café!

Ou melhor: eles discutiam acerca dos hábitos das diferentes civilizações, novas e antigas, e até tinham na frente um enorme cartapácio intitulado «Usos e Costumes dos Povos do Mundo» (que trazia referências desde o homem das cavernas até ao dos nossos dias) e que eles pareciam consultar febrilmente, folheando-o para a frente e para trás!

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que o Estultício, ainda mal recomposto da sua incrível viagem de férias à floresta-virgem, se estava a informar dos hábitos dos seus habitantes para (quem sabe?) lá voltar numa próxima oportunidade. Mas, afinal e como veremos mais adiante, não se tratava de nada disso.

O certo é que estavam tão absorvidos que só deram pela minha chegada quando eu, dando as "boas-tardes" e puxando uma cadeira, me sentei junto deles. Mesmo assim, apenas tive direito a um rápido cumprimento, pois continuaram compenetradíssimos no que estavam a fazer.

- Tem aí o seu telemóvel? - perguntou, a certa altura, o Batatinha ao Grande Chefe como se tivesse tido uma grande ideia. - Não trouxe o meu.

Tratava-se, como pude apreciar logo a seguir, de consultar um "site" da Internet que vinha referido algures no livro. E, nesse endereço, era suposto encontrarem-se muitas (e bastante detalhadas) informações relacionadas com o assunto que tanto os absorvia.

E parece que assim era. Embora com as conhecidas limitações do modo WAP (pois a terceira geração de telemóveis ainda se fazia esperar), o nosso amigo Batatinha, depois de activar o aparelho do chefe, lá acedeu ao tal endereço.

Em seguida, perante a impaciência do outro e o meu interesse crescente, lá foi passeando, para cima e para baixo, à medida da sua curiosidade e das informações disponíveis no referido "site".

Espreitando como pude, vi, então, que o assunto da pesquisa tinha a ver com "comida"!

- Vem muito a propósito dos seus amigos antropófagos! - comentei eu, mas apenas para ver se eles "se descosiam".

O Estultício não se dignou responder logo. Fez um sorriso amarelo (decerto recordando os penosos transe por que passara recentemente) e, por fim, recostando-se e pegando na caneca da cerveja com toda a calma, condescendeu em esclarecer-me:

- Você recorda-se de quando, há algum tempo, o maroto do meu filho se divertiu à minha custa?

Fiquei a pensar... Eu sabia lá quantas vezes o rapaz se teria divertido com a ignorância do pai!? Mas ele continuou:

- Estou a falar de quando ele me disse que "ISP" queria dizer "Industrial de Salsichas e Presuntos"...

Claro que me recordava, e ri-me com gosto ao relembrar a peripécia.

- Não se esteja a rir, pois umas coisas puxam as outras. Não me vou meter nas salsichas, mas decidi entrar de cabeça no negócio de hambúrgueres, que toda a gente sabe que é uma coisa que dá imenso dinheiro.

Abri a boca de espanto! O Estultício ia pôr a sua Tekno-Teknika a fabricar carne picada?! Eu estava já a ver o cartaz: «Hambúrgueres Estultício com... Batatinha frita». Mas... e o que é que isso teria a ver com o livro e a pesquisa na Internet?! Não foi preciso perguntar:

- O meu negócio (como todos aqueles em que me meto, aliás) vai esmagar a concorrência. Assim, apenas tenho de me informar acerca dos hábitos alimentares dos povos, pois a minha actividade vai ser arrasadora e de âmbito mundial.

Além dos hábitos alimentares dos antropófagos, ele já sabia há muito tempo que nos países muçulmanos não deveria vender hambúrgueres de carne de porco. E acabava de saber, pelo livro, que na Índia não seria muito bem sucedido se se propusesse vender hambúrgueres de carne de vaca.

Estava ele a tomar apontamentos dessas coisas todas quando, de súbito, exclamou:

- Ó Batatinha, para acabar com isso, veja lá aí no ciberespaço se há algum país em que não se possa comer carne de pato.

Enquanto o adjunto fazia a pesquisa, o Grande Engenheiro, depois de beber o último gole de cerveja e enquanto limpava os lábios, esclareceu, virando-se para mim:

- Tive uma ideia genial. Mas não foi agora... Já venho a amadurecê-la desde esta manhã, quando estava a fazer a barba, e ouvi um grasnar vindo do quintal da vizinha.

Calou-se por momentos, para aquilatar do meu interesse e concluiu:

- Se os gajos da Walt Disney alinharem, lançamos um produto que vai ser imbatível, pois tem a enorme vantagem de ter a propaganda já toda feita: Hambúrgueres Pat' Donald's.

12

A Língua da Sogra

Está aí o Natal, e muitos leitores querem saber se o Estultício voltou a enviar cartões de Boas-Festas (com o Presépio e o Menino Jesus) aos talibãs do Afeganistão...

De facto, seria interessante sabê-lo, mas na altura em que escrevo ainda é cedo para isso. No entanto, já prevenido essa situação, resolvi pôr-me em campo e ir recolhendo, com calma e tempo, material de escrita relacionado com o Natal do Grande Engenheiro. E foi assim que, ontem, me fiz encontrado com ele e levei a conversa para esse assunto.

- O que é que tem o Natal?! Está a contar que eu lhe ofereça alguma prenda?! - atirou-me ele num tom pouco próprio para início de conversa.

Não contava com essa reacção e respondi-lhe:

- Esperar receber prendas de um forreta?! Claro que não! Você é tão sovina que até dizem que, quando comprou um cata-vento, perguntou se não os havia feitos com frangos em vez de galos!

Achou imensa graça, descontraiu-se, puxou uma cadeira e, dando-lhe uma palmada no assento, convidou-me a sentar ao pé dele.

Em seguida, depois de confessar que a história do cata-vento de facto se passara, informou-me que era a sua vez de pagar a conta e mandou vir uma cerveja para si e um copo de água para mim. Por fim, aproveitando o facto de o Sr. Batatinha ainda não ter aparecido, aproximou a sua cadeira da minha e baixou o tom de voz, dando-me a entender que ia entrar em grandes confidências.

Preparei-me para ouvir.

- Sabe? A pouco e pouco, lá vou aderindo a estas modernices das "novas tecnologias"...

Sim, era verdade. Embora, de facto, MUITO devagar. Mas há uma coisa que serve como boa aproximação do Estultício ao *mundo novo*: o seu inseparável telemóvel de última geração. E foi devido a ele, como veremos adiante, que eu consegui levar a conversa para o tema que me interessava.

- Nestas coisas de prendas de Natal há que ter muito cuidado... Não posso fazer como o idiota da Makro-Teknika que ofereceu Vinho do Porto aos fundamentalistas muçulmanos!

E continuou, depois de beber um gole de cerveja.

- Vou oferecer apenas telemóveis, embora numa versão económica, sem a "adaptação sapatal" que tem o meu.

Referia-se, com essa divertida designação, aos aparelhos cuja bateria pode ser carregada graças a uma engenhoca nos sapatos - cujo movimento acciona um gerador. E, finalmente, entrou na parte confidencial da conversa:

- Eu precisava que você me ajudasse a preparar uma pequena brincadeira... - e baixou ainda mais o tom de voz, olhando em volta para se certificar de que ninguém o ouvia:

- Quero oferecer um telemóvel à minha sogra. Além de grande tagarela, a D. Elisa é aquilo a que se chama uma "rata de sacristia". Por isso, eu estava a pensar oferecer-lhe um aparelho muito especial. Digamos mesmo: personalizado!

Não percebi, e tive de esperar que ele acabasse a cerveja e se assoasse, pois já começava a engasgar-se com o riso.

- A ideia veio-me à cabeça por causa do Congresso do PCP. Li as notícias referentes aos renovadores e aos ortodoxos, informei-me acerca do marxismo-leninismo e, talvez por rimarem, na minha cabeça misturou-se "A Internacional" com o Natal.

Eu cada vez entendia menos! Mas não tardei a perceber:

Para começar, o Estultício queria programar o aparelho para tocar a música "Para Elisa", de Beethoven, quando chegasse uma chamada para a D. Elisa!

Achei a ideia verdadeiramente simpática. Por isso, ainda menos percebi porque é que ele falava tão baixinho. E o que é que isso teria a ver com política?!

Mas o Estultício contou o resto:

- Queria que você me ajudasse. Quem sabe se, usando a Internet, não será possível que a música passe a ser "A Internacional" quando lhe chegar uma chamada e ela estiver na missa? Não era uma delícia?

Bem... agora a coisa rimava mais com *Carnaval* do que com *Natal*! Disse-lhe que, mesmo que fosse possível, não me parecia muito próprio fazer isso, pelo que não contasse comigo para essa brincadeira. Além de que eu não acreditava que a senhora deixasse o aparelho ligado no interior da igreja.

- Pois aí é que você se engana! - desabafou - Para aquela megera todos os lugares servem para a má-língua! Mas, paciência... Já vi que não posso contar consigo... - rematou o Estultício sorvendo, pensativo, o último golo de cerveja e limpando a espuma do bigode.

Porém, de súbito, pareceu ver reacendida a esperança:

- Tem razão. De facto, "A Internacional" era capaz de ser pouco próprio. Olhe lá, e fazer com que o aparelho toque o "É mentira, é mentira..." quando ela estiver no confessionário?

13

A Planta da Casa

Agora, que já lá vai o Natal, é natural que os leitores estejam à espera de saber o que se passou em relação às prendas enviadas e recebidas pelo Estultício...

Mas o certo é que eu cada vez percebo menos acerca do modo de funcionamento dos interstícios do cérebro do nosso Grande Engenheiro:

Tão depressa faz questão em se manter *agarrado como uma lapa* ao rebarbativo lema «Progresso, só o estritamente indispensável!», como desata a procurar ajuda nas *novas tecnologias* (incluindo a Internet através do seu inseparável telefone celular) para resolver um qualquer problema que a mais ninguém lembraria!

Ora, da última vez, como se lembram, ele queria por força "armadilhar" um telemóvel que pretendia oferecer à sogra pelo Natal: tratava-se, nem mais nem menos, do que fazer a vida negra à pobre senhora.

A ideia dele é que deveria ser possível, «Utilizando a Internet, se necessário», pôr o aparelho a tocar músicas menos apropriadas como "A Internacional", durante a missa ou o "É mentira, é mentira", no confessionário! E tinha querido que eu o auxiliasse em tão estranha e pérfida operação tecnológica, mais própria para épocas carnavalescas!

Disse-lhe que não contasse com a minha ajuda (até porque os meus conhecimentos técnicos são muito limitados), mas parece que lá conseguiu fazer o que queria. Ou pior ainda!

O certo é que, quando o encontrei na esplanada do costume, logo a seguir ao Natal, e quando já me preparava para fazer a habitual pergunta idiota que toda a gente faz por esta altura («Então? Teve muitas prendas no sapatinho?»), reparei numa coisa muito estranha e até mesmo preocupante:

O Estultício, habitualmente tão alegre e expansivo, estava desta vez deveras abatido e triste, e o seu inseparável adjunto, o Sr. Batatinha, parecia que o procurava animar dando-lhe amigáveis palmadinhas no braço e no ombro, acompanhadas de amistosas palavras proferidas em tom fraternal!

Aproximei-me ainda mais e, quando já me ia a sentar para a habitual conversa (de que tanto preciso quando se aproxima a altura de escrever estas crónicas mensais), percebi o motivo de tão estranha situação. Pelo menos uma parte do motivo:

O nosso Grande Engenheiro estava cheio de pensos-rápidos e pintas de mercurocromo!

- Foi a sogra dele... - Começou a explicar o Batatinha, baixinho, e contendo o riso com a arte de dissimulação em que já se tornou mestre.

- Deixe lá isso, homem! - Interrompeu o Grande Chefe, pelos vistos incomodado com o rumo da conversa -. Falemos antes de outras coisas mais alegres!

E, para cortar cerce quaisquer perguntas adicionais da minha parte, levantou-se e foi ele mesmo ao balcão do café buscar mais uma cerveja para si e encomendar copos de água para mim e para o adjunto.

Não descansei, portanto, até à hora de me despedir. E, piscando o olho ao Batatinha, dei-lhe a entender claramente que gostaria que ele sáisse também para podermos conversar à-vontade e desvendar o mistério.

E foi assim que, já longe dali, vim a saber tudo:

O Estultício sempre tinha oferecido o tal telemóvel à sogra e, por processos ainda não desvendados (mas que faziam supor longas noites de estudo tecnológico), lá conseguira pregar à senhora a tal partida (ou qualquer outra ainda mais refinada!).

Pensei então que - e a prova parecia estar à vista... - a megera não apreciara a graça. Além de que, a acreditar no nosso amigo e pelo que se via, devia tratar-se de pessoa terrível, irascível e bem robusta!

Mas, afinal, o que se passara não fora tão linear, pois não houvera pancadaria nem nada dessas coisas que povoam o anedotário internacional relacionado com sogras:

A senhora, um ou dois dias antes do Natal, até perguntara ao genro o que é que ele gostaria de receber como prenda!

E o nosso amigo, sorrindo e quase arrependido por já ter enviado por Correio Azul o tal telemóvel especial, respondeu que não tinha ideia, mas que achava que no escritório lá de casa «ficava bem uma planta decorativa e farfalhuda, pois sempre seria uma companhia».

«Ou então um animalzinho de estimação. Ao seu gosto, querida sogra» - Adiantara ele ainda.

E pude imaginar a D. Elisa (sabe-se lá se recorrendo também à Internet), depois de alguma indecisão entre uma piranha, um peixinho vermelho e uma begónia, a decidir-se por oferecer ao Estultício... uma PLANTA CARNÍVORA!